

Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas¹

Class migration and cultural shame: Upward trajectories between criticism and recognition of symbolic hierarchies

Carolina Pulici*

*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Departamento de Ciências Sociais, Guarulhos, SP, Brasil. carolinapulici@gmail.com

Resumo

O artigo discute certas formas de violência simbólica que acometem indivíduos em migração de classe, marcados por critérios de julgamento inconciliáveis. Tendo como fonte principal 30 entrevistas com membros das classes altas de São Paulo – realizadas no âmbito de uma pesquisa maior que coletou manuais de etiqueta, material de imprensa, críticas e estatísticas culturais –, ele analisa trajetórias e atributos que ensejam experiências de vergonha cultural, argumentando que o percurso ascensional não se faz acompanhar apenas pela deferência dispensada aos que “sobem na vida”, mas também por algumas das modalidades mais universais de sofrimento social, tais como a percepção do baixo valor atribuído a si (e aos seus) no universo de destino, a evocação de uma herança cultural negativa, a interiorização de disposições dominantes e o desaparecimento progressivo dos usos corporais conciliados com os códigos culturais predominantes nas classes populares.

Palavras-chave: migração de classe, vergonha cultural, violência simbólica, elites, São Paulo

1 Este artigo é uma versão modificada da comunicação apresentada no ST 33 (As classes sociais no Brasil contemporâneo) do 37º encontro anual da ANPOCS, ocorrido em setembro de 2013 em Águas de Lindóia, SP, Brasil.

Abstract

The article discusses some forms of symbolic violence that affect individuals during class migration that are marked by irreconcilable judgment criteria. Its sources are mainly thirty interviews with members of the upper classes of São Paulo – conducted within a larger research that collected etiquette manuals, press material, cultural critics and statistics. It analyses trajectories and attributes that lead to cultural shame, arguing that social ascension is not accompanied only by the deference given to those who experience upward mobility, but also by some of the most universal forms of social suffering. The latter can be the perception of low value attributed to oneself (and to one's family) in the universe of destination, the evocation of a negative cultural heritage, the internalization of dominant dispositions and simultaneous rejection of dominated dispositions.

Keywords: class migration, cultural shame, symbolic violence, elites, São Paulo

Introdução

Estudos sociológicos voltados às injunções contraditórias a que estão expostos os que vivenciam a experiência da ascensão social destacam os custos inerentes ao distanciamento progressivo das origens familiares na vivência de uma espécie de “duplo não pertencimento”, uma vez que o afastamento do meio social de partida não se faz frequentemente acompanhar pela plena acolhida no ambiente social de “chegada” (Bourdieu, 1993, 2005; Gaulejac, 1987; Hoggart, 1970; Mauger, 2004; Schultheis, 2012). Baseado numa pesquisa voltada aos processos de distinção social pelo gosto (Pulici, 2010), este artigo discutirá certas formas de violência simbólica que acometem indivíduos em migração de classe, marcados pela adesão a critérios de julgamento por vezes inconciliáveis. Tendo como fonte principal 30 entrevistas aprofundadas com representantes das classes superiores de São Paulo – realizadas no âmbito de uma pesquisa mais vasta que analisou manuais de etiqueta, materiais de imprensa, críticas e estatísticas culturais –, o texto examinará trajetórias e atributos que ensejam experiências de vergonha cultural, argumentando que o percurso ascensional não se faz acompanhar apenas pela deferência dispensada aos que “sobem na vida”, mas também por algumas das modalidades mais universais de sofrimento social. Tais consequências negativas da ascensão são negligenciadas pelos estudos sobre as elites brasileiras contemporâneas voltados ao “ethos emergente” e ao “sucesso” (Lima, 2007), assim como pelos que se atêm, sobretudo, às variáveis socioeconômicas determinantes da mobilidade social, ocupacional ou financeira (Ferreira, 2001).

A investigação cujos resultados parciais discutiremos aqui não tratou diretamente do tema da mobilidade social e, mesmo no âmbito dos informantes que conseguimos reunir, foram minoritários os que haviam se afastado consideravelmente da posição de origem. Ainda assim, a pesquisa, de início voltada às formas de “estilização da vida” (Weber, 1999), fez emergir, entre aqueles que atingiram uma posição superior à de seus pais, relatos de experiências de vergonha de si, assim como algumas classificações detratórias que lhes foram atribuídas por representantes de grupos mais enraizados nas elites. Se, como vários outros países, o Brasil é uma sociedade em que a aspiração à mobilidade social ascendente é presente de forma bastante generalizada, tal ideal coletivo não impede que aqueles que efetivamente o realizam possam experimentar modalidades de desclassificação que são próprias a essa mudança de posicionamento social.

Centrados nas declarações dos que empreenderam trajetórias promocionais, analisaremos algumas dessas experiências que estão nos antípodas do senso de dignidade social associado ao *habitus* dominante (Pulici, 2012a), tais como a percepção do baixo valor atribuído a si (e aos seus) no universo de destino, a evocação de uma herança cultural negativa, a interiorização de disposições dominantes e a simultânea rejeição de disposições dominadas². No âmbito de uma pesquisa que assumiu inevitavelmente ares de um exame cultural³, as perguntas que visavam investigar as preferências e as competências estéticas geraram relatos reveladores de que aqueles que ingressaram tardiamente nas classes superiores vivenciam seus valores e comportamentos culturais passados como inferiores, ou seja, subscrevem, em alguma medida, os mecanismos classificatórios aristocráticos que tendem a enaltecer as atitudes daqueles precocemente socializados em universos distintivos. Como veremos a seguir, a docilidade em relação às hierarquias culturais, presente no testemunho de uns, coexiste com a “revolta submissa” de outros, cujo rancor travestido de rejeição eletiva não deixa de dar crédito aos valores culturais tradicionais.

Atenta aos critérios extraeconômicos da estratificação social e à multidimensionalidade das formas de riqueza apreendidas sincrônica e diacronicamente (Bourdieu, 2008), a pesquisa que embasa este texto interrogou indivíduos marcados por disparidades associadas à estrutura

2 Nós nos concentraremos, assim, nas consequências negativas da mobilidade social ascendente. Para uma abordagem que busca compatibilizar as perspectivas unilaterais de duas tradições de análise da ascensão social – a que insiste em seus benefícios e a que acentua seus custos –, consultar Naudet (2012).

3 A respeito da situação de exame cultural que impõe toda pesquisa sobre as práticas culturais, consultar Mauger, Poliak e Pudal (1999).

e à evolução do volume total do capital: se uns pertencem às classes altas exclusivamente em função de seu capital econômico, com sua posição social reduzindo-se à posição no sistema produtivo, outros entrevistados, especialmente os advindos de famílias antigas, dispõem de formas suplementares de capital, como cultura (embora seja algo da ordem do “mundano-cultivado” e raramente um conhecimento científico e/ou de vanguarda), relações e prestígio. Ainda que não seja possível discutir minuciosamente aqui as condições nas quais se desenvolveu o trabalho de campo com indivíduos abastados, que impõem fortes resistências ao contato e tendem a dominar a situação da entrevista⁴, cabe dizer, de saída, que nossa grande dificuldade de acesso às altas classes impôs uma flexibilidade na seleção dos informantes, a rigor incompatível com as exigências de constituição de uma “amostra” (no sentido forte da palavra). Dada a impossibilidade prática de pautar a seleção em dados de estrutura – como rendimentos de operações financeiras e valores de patrimônio (Medeiros, 2005) –, nossos entrevistados foram selecionados com base em critérios “reputacionais”, profissionais e residenciais. Assim, identificamos agentes socialmente designados como “ricos” através do material de imprensa, dos livros de homenagem às elites, do nosso círculo de relações pessoais e profissionais, de um arquiteto que projetou casas de elite e de alguns informantes⁵. Ademais – e como não existe no Brasil um *Bottin Mondain* ou um *Who's who*, nem pesquisas amostrais que captem os muito ricos (Bertoncelo, 2010) –, nos dirigimos a ocupantes de posições de poder reconhecidas e nos servimos ainda e, sobretudo, de parâmetros concernentes à apropriação privilegiada do espaço urbano⁶.

Desse modo, a coleção de casos *que foi possível constituir* reúne membros das frações das elites mais ricas em capital econômico (banqueiros, industriais, empresários, colecionadores de arte, presidentes de multinacionais); das frações mais ricas em capital cultural (artistas/arquitetos, professores universitários, jornalistas, psicanalistas); das frações intermediárias, compostas por profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros); e dos

4 Ver, a esse respeito, os subcapítulos da tese de doutorado de Pulici (2010), intitulados “Do alto: o trabalho de campo com as classes altas” e “As condições sociais de recolhimento dos dados”.

5 Valemo-nos de uma ou duas, mas nunca mais do que duas indicações de informantes ao final das entrevistas, a fim de evitar o risco de superestimar determinados círculos de elite, em detrimento de outros.

6 Pesquisas dedicadas às características da urbanização da cidade de São Paulo identificaram experiências de segregação mais evidentes do que em outras capitais brasileiras (Marins, 1998). Tais estudos apontaram ainda que esse “zoneamento social” de São Paulo foi intensificado pela criação dos bairros-jardins (Wolff, 2001), onde efetuamos a maioria das entrevistas entre 2008 e 2009.

setores ligados a alta função pública (embaixadores, ministros e cônsules)⁷. No que diz respeito à origem social dos entrevistados, podemos dizer que em torno de metade deles advém de famílias enraizadas nas classes superiores, um pouco mais de um terço provém de frações das classes médias e uma minoria definiu-se como oriunda de “famílias humildes”. Em vista do nosso objetivo de discutir as experiências de vergonha cultural inerentes à promoção social, não analisaremos aqui as entrevistas realizadas com os informantes pertencentes às elites há mais tempo.

Finalmente, e visto que, como dito, a investigação empírica em que se estriba este artigo não abordou diretamente a questão da mobilidade social e que, mesmo no âmbito do nosso grupo de entrevistados, foram minoritários os que haviam empreendido um trajeto ascensional, a análise que segue é de natureza exploratória, no sentido de que seu objetivo essencial é explorar algumas pistas e promover uma discussão que possa eventualmente ensejar pesquisas futuras especificamente voltadas às representações de si (e dos seus), às aspirações e às atitudes culturais daqueles que vivenciaram um processo de mobilidade social ascendente no Brasil contemporâneo.

O “outro lado” da ascensão social

Muito embora os propósitos específicos da pesquisa que apresentamos parcialmente aqui não permitam apreender sistematicamente as disposições desses indivíduos que pertencem a dois grupos que mantêm relações hierárquicas, foi possível identificar, grosso modo, dois tipos de postura: a que lança um olhar miserabilista sobre o próprio passado e acolhe com docilidade os princípios de classificação vigentes no mundo de destino; e, do outro lado, a que converte a experiência da humilhação inerente a uma origem social desvalorizada numa negação ostensiva (e ressentida) dos modos de conduta associados ao estilo de vida legítimo, denunciando inevitavelmente uma ambição de inserção frustrada e, portanto, uma “revolta submissa”⁸.

A primeira atitude foi visivelmente mais frequente entre os informantes a que tivemos acesso, uma vez que seus testemunhos dão a ver uma trajetória marcada não apenas por

7 Tendo em vista preservar o anonimato dos informantes, os quadros sinóticos que reúnem informações detalhadas sobre a origem e a trajetória social de cada um dos entrevistados não podem ser apresentados aqui.

8 Sobre a noção de “revolta submissa”, ver Bourdieu (1996, p. 33).

referências contraditórias, mas, também, por rupturas significativas devidas à progressiva incorporação de disposições dominantes e à simultânea rejeição de disposições dominadas. Aceitando a desvalorização a que estão de todo modo condenadas as práticas e as crenças herdadas do meio de origem, eles se empenham, com mais ou menos êxito, em se apropriar dos esquemas de apreciação e de ação reverenciados no meio de chegada.

A ruptura com o mundo dominado

Tendo descoberto a inferioridade social de seus pais, um ex-presidente de multinacional e atual proprietário de uma fábrica de equipamentos hospitalares notou que o modo como sua mãe se portava à mesa – comparado às maneiras mais refinadas da sogra professora – foi uma das coisas que lhe revelou estar a família de sua mulher num patamar superior à sua. Diferentemente dos que apresentam sinais de um pertencimento antigo às classes superiores, seu percurso indica que o seu acesso às elites se deu por meio de um relativo sucesso escolar: não tendo conseguido entrar na Politécnica da USP, ele fez Engenharia Mecânica no Mackenzie, e já nos primeiros anos estagiava na área, tendo tido oportunidades extraordinárias de progredir na carreira. Tendo definido seus pais como pobres, filhos de lavradores que lograram ter uma vendinha, ele chegou a dizer que até então não sabia como sua mulher pôde ter se interessado por ele naquele momento da sua vida, em que ele não havia sido ainda, como disse, “lapidado” culturalmente⁹. Eis um testemunho de como a ascensão conduz progressivamente à interiorização dos princípios de visão do “mundo de chegada” e à desqualificação do “mundo de partida”, fazendo com que deficiências de ordem social sejam vividas como uma forma de indignidade humana. Há também aqui um caso exemplar de *vergonha de si*, essa

emoção auto-destrutiva que surge quando os dominados começam a observar a si próprios através dos olhos dos dominantes, ou seja, quando são forçados a vivenciar os seus próprios modos de pensar, de sentir e de se comportar como degradados e degradantes. (Wacquant, 2006, p. 19)

9 Na opinião de Gérard Mauger (2004, p. 194), a aliança matrimonial no universo de chegada é o que sela a separação entre os dois mundos.

O *décalage* entre o seu mundo de origem e aquele para onde ele foi deu-se a ver também nos comentários sobre seus amigos de infância, de quem se afastou à medida que ascendia socialmente. Ele jogou futebol por vários anos com esses amigos do bairro, mas era o único que não fumava maconha e que cursou ensino superior. Fazendo faculdade, começou a jogar no time da escola e, depois, já estagiário, nos times das multinacionais em que trabalhou. Expressão do sofrimento ligado à passagem do mundo dominado para o mundo dominante, seus olhos marejaram quando contou que em sua formatura seus camaradas de infância temeram tanto envergonhá-lo que *“foram todos assim de gravatimba, e ficaram num cantinho, bem quietinhos”* (Entrevista, 04 de dezembro de 2008). Ilustrando “a hipótese segundo a qual a proximidade social favorece as aproximações afetivas, enquanto que a distância social perturba os vínculos afetivos” (Gaulejac, 1987, p. 84, tradução nossa), e, ainda, o postulado de que “a ‘decolagem’ supõe sempre uma ruptura” (Bourdieu, 2008, p. 316), ele contou que a lembrança dessa quebra de vínculos o emocionava, embora soubesse ser isso inevitável, pois sua vida começou a ficar muito diferente, restringindo as ocasiões de convívio e troca.

Ascensão solitária, ascese eletiva e correção de aprendizados “impróprios”

Nos testemunhos daqueles cujo deslocamento social foi considerável, notamos, de saída, a referência aos “primos pobres”, o que revela uma ascensão social solitária. Ao discorrer sobre as razões que o levaram a vender suas casas de veraneio, um presidente de multinacional relembra as *“brigas de irmão”* para ver quem poderia emprestar seus imóveis, e, em outro momento, apresenta um retrato desabonador de suas fidelidades identificatórias originais, ao narrar o comentário de suas filhas quando as levou para conhecer o bairro em que nascera e crescerá: *“Nossa, papai, como você era pobrezinho!”*. Ao contrário dos que ostentam a retórica da negação do mercantil, a esse alto executivo não parece desonroso afirmar a ação racional com relação a fins: tendo assumido que o investimento financeiro foi o que o motivou a formar sua coleção de arte, ele assim exprime seu senso de indignidade cultural: *“Mas eu confesso que eu não tenho assim... Eu preciso desenvolver mais a sensibilidade. Eu estou chegando agora”* (Entrevista, 5 de setembro, 2008).

Pertencendo às classes altas em função de sua posição elevada no sistema produtivo, ele tem no senso do cálculo econômico o guia de suas apreciações estéticas, o que o diferencia de outros grupos de elite que investem mais em funções de representação e não concedem significado crucial às questões de receita e despesa. Feito os homens de comércio do *Quattrocento*, que, por atribuírem um valor excepcional a certas técnicas matemáticas, eram sensíveis aos quadros dotados de proporcionalidade pictural (Baxandall, 1991, p. 177), ele tem na “economia” o critério formador de suas práticas de estilização da vida: sobre a melhor maneira de presentear sua mulher, não hesitou em dizer que era comprando-lhe joias legítimas (“*Acho legal, acho perene*”), como se estivesse a afirmar que, numa eventualidade, tais objetos “*perenes*” poderiam lhes servir de caução, o que fazia com que tal presente fosse, antes de tudo, um “investimento”, uma salvaguarda do patrimônio familiar.

Não tendo tido contato precoce e repetido com pessoas cultivadas, ele recorre a uma aprendizagem institucionalizada em matéria de cultura e de “faro” mundano. As novas categorias de percepção interiorizadas pela frequência do mundo de destino conduzem à desvalorização dos modos de pensar e de agir anteriores à ascensão: tendo feito o curso da Associação Brasileira de *Sommeliers*, ele assume que “*saí de lá sabendo que eu não sei nada*”. Diferentemente dos que puderam contar com a aprendizagem insensível e inconsciente da cultura legítima no seio da família, sua trajetória dá a ver, muito pelo contrário, um trabalho de desaculturação necessário à correção de aprendizados impróprios: “*Eu trabalhei em empresa americana muito tempo, e os caras chegaram até a falar ‘Olha, cuidado com algumas cores de terno, cuidado com algumas cores de meia’*”. Como se vê, a promoção social vivida como uma espécie de promoção ontológica ou um processo de civilização, “um salto da natureza na cultura” (Bourdieu, 2008, p. 235), impõe que o pretendente a “novo-rico” pague um preço caro pelo acesso ao mundo dos homens “verdadeiramente humanos”.

De forma diversa dos entrevistados oriundos das famílias antigas de São Paulo, que assumiram, de maneira descomplexada, comer e beber mais do que deveriam vez ou outra, ele constrói uma imagem de si em torno da oposição entre o autocontrole e a intemperança e parece seguir mais energicamente as novas normas de excelência corporal: diferenciando-se tanto do laxismo associado às posições dominadas quanto da liberalidade moral dos grupos dominantes estabelecidos, essa elite profissional um pouco moralista à americana afirma uma ética da sobriedade que, como se sabe, não é estranha a uma trajetória de ascensão pelo

trabalho: “Eu como pouco, também não, não lembro a última vez que eu fiquei de porre. Sabe, eu não acho legal perder o controle” (Entrevista, 5 de setembro, 2008)¹⁰.

Habitante de um condomínio que prima pela segurança e pela homogeneidade social de seus moradores, e que na cidade de São Paulo é bastante associado aos setores sociais recentemente enriquecidos, ele manifesta um sentimento de desonra grupal ao construir uma imagem maculada desse residencial: “Alphaville é um horror, Alphaville é um esquema de nouveau riche, para mostrar, você conhece Alphaville, né?”. Se ele, que não é nascido nas elites, constrói rotulações depreciativas que associam inelutavelmente “dinheiro novo” a exibicionismo, fazem sentido as observações de Elias e Scotson (2000) sobre a sociodinâmica da estigmatização, que sempre conta com uma boa dose de assentimento por parte daqueles que são suas vítimas, entre outros motivos porque a autoimagem dos grupos recém-chegados é moldada a partir das experiências de desclassificação engendradas no contato com os grupos estabelecidos, ou seja, a partir da mudança de pertencimento social que leva à exposição a dois mundos que mantêm relações hierárquicas.

A aceitação relutante das hierarquias culturais

Filho de imigrantes judeus de origem humilde, que se tornou engenheiro civil e alto executivo de um dos mais importantes escritórios de engenharia de São Paulo, um antigo aluno da Escola Politécnica da USP questionou a distinção social pelo gosto. A despeito de sua trajetória promocional e de levar uma vida cultural voltada às práticas reputadas “legítimas”, ele disse ter dificuldade em hierarquizar as pessoas pelas suas preferências e aversões estéticas: no seu modo de ver, quem tem mau gosto não necessariamente é má pessoa. Assim é que, à questão “O que é, em sua opinião, bom gosto?”, ele respondeu que bom gosto é também ter generosidade diante daqueles que têm, ao contrário, mau gosto¹¹.

Não se pode dizer, contudo, que esse engenheiro de um dos mais antigos escritórios de São Paulo – que já comandou a construção de oito aeroportos – seja indiferente às

10 Tendo estudado indivíduos que compunham a primeira geração a realizar um percurso ascendente em Israel, Avi Shoshana (2010) sublinha um habitus de autocontrole e a ênfase nos valores da ambição, da meritocracia e do trabalho.

11 Ao discorrer sobre o interesse pelo belo, Kant (2008) notou que “virtuosos do gosto são não só frequentemente mas até habitualmente vaidosos, caprichosos, entregues a perniciosas paixões, e talvez pudessem ainda menos que outros reivindicar o mérito da afeição a princípios morais” (p. 144).

hierarquias culturais, pois afirmou ver com maus olhos os funcionários e os prestadores de serviço que cometem erros de português: “Já não gosto, sabe, já dá uma reação desnivelada de quem conversa. É difícil ... você deixar de associar base de formação e tudo mais, entendeu?” (Entrevista, 9 de outubro, 2008).

Investindo-se dos símbolos de pertencimento à burguesia, a propensão a mostrar um aspecto idealizado de si mesmo consiste em obnubilar episódios anteriores à ascensão: tendo dito que sua formação pré-universitária foi feita no Colégio Bandeirantes, diante do nosso pedido de confirmação, precisou que só fizera o colegial nessa escola de elite, exprimindo sua falta de antiguidade nas classes altas e a maneira como teve acesso a elas. Na esteira de Goffman (1973, p. 42), podemos dizer que a preferência por representações que ostentam a frequência dos ambientes culturais das classes superiores é compreensível em sociedades que incutem a aspiração à mobilidade social ascendente, já que só faz priorizar um estilo de vida socialmente valorizado.

Assim, contrariamente aos que postulam a obsolescência da noção de “legitimidade cultural” (Fabiani, 2003), este relato marcado pela docilidade, ainda que relutante em relação aos tradicionais mecanismos de distribuição de valor cultural, contraria a tese do fim das hierarquias simbólicas, permitindo lançar a hipótese de que os processos de distinção e estigmatização inerentes à reprodução das posições na estrutura social continuam a lançar mão da cultura “legítima” que, assim, se presta à formação de barreiras entre os grupos.

Dos grupos médios para as classes superiores

Mas, se a mobilidade social de longa distância é mais propícia à emergência desses conflitos associados a um duplo pertencimento social, os riscos de experiências humilhantes não estão ausentes no percurso daqueles que perfizeram a passagem das classes médias para as superiores. Sensível ao seu desprestígio (e ao de seus irmãos) nos primeiros anos do *Colégio Santa Cruz*, o neto de um imigrante libanês analfabeto (e filho de um médico que se tornou proprietário de um hospital) reconstitui episódios indicativos da “gênese social dos conflitos psíquicos, particularmente no desenvolvimento dos sentimentos de culpabilidade, humilhação e inferioridade” (Gaulejac, 1987, p. 19, tradução nossa). Tendo se tornado médico proprietário de clínica e colecionador de arte, ele parece ratificar o suposto de que se deslocar de um lugar

para outro é, não raro, deslocar-se de um grupo social para outro (Elias & Scotson, 2000, p. 27). Assim revela o entrevistado:

Não, não tive ensino artístico, a gente era muito pobre, a gente chegou no Santa Cruz teve aquele choque de influência com a elite, a gente não entendia nada, a gente morava em Osasco! ... Era muito difícil de entender para a gente.... A gente era chamado de 'Osasco' lá no Santa Cruz 'Osasco chega aí' E a gente tinha um sotaque meio caipira, porque tem um pouco de caipira em Osasco¹² Entendeu? ... E a gente, naquela época tinha aqueles tênis Adidas, que eram chiquésimos. A gente ia com aqueles brasileiros, entendeu? ... era um inferno! ... Porque a gente não tinha dinheiro de pegar o avião e ir para fora E todo mundo voltava das férias! ... Eu acho que ficou incutido em mim, essa vontade de sair vem dessa situação conflitante aí quando eu resolvi estudar na França, eu acho que é uma resolução dessa experiência traumática (Entrevista, 26 de setembro de 2008).

Ele, que hoje recebe orquídeas diariamente (*"Todo mundo quando entra em casa de rico, acha que tem que mandar orquídea"*), se autorrepresenta como alguém desapegado dos bens materiais, ao relatar que a compra sistemática de obras de arte o impede de fazer crescer sua conta bancária. Aos 47 anos, ele não trabalha mais: *"Eu leio e cuido do meu filho"*. Certo interesse no desinteresse revelou-se também no comentário de que não sabia que estava a comprar obras que os artistas mesmos consideram suas melhores realizações, assim como na crítica aos colecionadores que só vão atrás do que *"tem liquidez"*.

Ocorre que, numa entrevista longa, os assuntos vão e vêm e, assim, pudemos ver que ele não é tão desapegado como procura mostrar. Tendo em vista o espaço social em que se move, ele empreendeu um deslocamento horizontal, adquirindo um capital cultural superior ao de seu pai, médico proprietário de hospital, porém filho de imigrantes analfabetos. Mas não deixou de manter o volume de capital econômico já conquistado pela geração anterior. Ele hoje vive de estudar, viajar e visitar exposições, mas durante dez anos "deu duro" para construir uma próspera clínica de radiologia de cuja renda ele hoje vive. Por gostar muito de física, pensou na carreira acadêmica, mas declinou da ideia porque *"eu queria ter dinheiro, eu queria viajar"*. O próprio modo como vê outros grupos exprime seu ceticismo diante da relativa autonomia do capital social em relação ao capital econômico: *"Porque eles [os cariocas] recebem, eles têm amigos [imitando o sotaque carioca] ... e eles ficam na casa do cara 'que é tão simpático', aí eles falam que têm amigo em Londres, tudo duro que tem amigo!"*.

12 Antigo subúrbio industrial da zona oeste de São Paulo (desvinculado administrativamente da metrópole em 1962), a princípio desprovido de boas condições de ocupação urbana, como outras áreas periféricas historicamente habitadas pelas classes populares e que hoje integram a Região Metropolitana de São Paulo.

Sua própria trajetória ascensional demonstra, no entanto, como o capital social pode ser fonte de riqueza material: a espaçosa “*casa de campo*” (para empregar os seus termos) numa rua bastante privilegiada pelas leis de zoneamento no exclusivo bairro do Jardim América¹³ foi comprada a um preço mais baixo do que o valor de mercado, devido ao fato de a antiga proprietária ter sido sua colega no *Colégio Santa Cruz*.

Três trajetórias femininas: a circulação “de baixo para cima”

Diferentemente dos informantes advindos de famílias enraizadas nas elites, que dão a ver um sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados e um gosto apurado pela via familiar (Pulici, 2012a), os que se afastam de seus ambientes originários devem operar uma contínua dessolidarização com a classe de origem e uma desidentificação com os pais formados em outras condições de existência (Gaulejac, 1987, p. 102).

O percurso ascendente de duas entrevistadas que se casaram com industriais e de outra que se casou com um cônsul europeu, empresário do setor exportador e juiz de direito, permite discutir os casos em que a passagem de uma classe para a outra depende de acontecimentos individuais e, em algumas situações, de ligações amorosas.

13 Para um estudo dos projetos de Barry Parker no bojo da implantação do Jardim América iniciada em 1913 pela City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited, ver a referência já citada na nota 8 (Wolff, 2001) e, também, o estudo mais recente de Zuleide Casagrande de Paula (2008). Construída a partir do conceito de cidade jardim e caracterizando-se originalmente por ruas sinuosas envoltas por árvores e edificações rodeadas por plantas e cercas vivas, essa área da capital paulista logo atraiu famílias abastadas, que então deixaram suas antigas moradias em Higienópolis e, principalmente, Campos Elíseos, bairros residenciais de elite desde o século XIX. Pertencente à segunda unidade administrativa mais rica da cidade de São Paulo – Pinheiros –, com 37.174 domicílios dispendo de renda mensal acima de 20 salários-mínimos, ultrapassada por pouco pela unidade mais rica, Vila Mariana, com 37.438 –, o Jardim Paulista, representante da região dos Jardins, possui 12.308 domicílios cujas famílias ganham mais de 20 salários-mínimos, ocupando a terceira posição mais alta numa lista de 96 distritos, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística relativo ao ano de 2010. (Retirado em 8 de junho de 2015 de http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/13_domicilios_por_faixa_de_rendimento_em_sa_2010_233.html)

Herança cultural negativa e boa vontade cultural

Bernadete, contatada para nossa entrevista por intermédio de um arquiteto que projetou residências e escreveu uma dissertação de mestrado sobre o condomínio *Alphaville*¹⁴, onde se localiza uma de suas residências,¹⁵ reconhece a derrota simbólica dos seus pais e avós (imigrantes italianos que trabalharam como feirantes, marceneiros e colonos de fazendas de café), ao assinalar que eles não falavam o português corretamente. Em sua representação subjetiva da posição objetivamente ocupada no espaço social, ela afirma: “*Não dava para aprender direito porque eles inclusive não tinham uma cultura de falar bem*” (Entrevista, 29 de agosto, 2008). Atestando o quanto os aspectos da identidade grupal integram a identidade individual, ela exprime sua crença de que o “cultivo de si” é louvável, mas é algo que, dada sua origem modesta, não estivera ao seu alcance no período anterior ao casamento. Todo o seu relato testemunha a distância entre a posição original e a posição atual na hierarquia das relações de classe, como a referência ao fato de que a dedicação aos saberes, por assim dizer, “gratuitos” foi tardia em sua vida, adquirida fora do recinto doméstico e da escola da infância e da adolescência: “*É porque ler mesmo eu fui aprendendo mais tarde Eu fui estudar literatura, mas inglesa, quando eu fiz ... a Cultura [Inglesa]. Foi onde eu comecei a me interessar por ler bastante, e aí começar a ler livros*” (Entrevista, 29 de agosto, 2008).

Evocando uma competência estritamente controlável, típica daqueles cuja origem social não facultou a familiaridade estatutária com a cultura legítima, ela se refere ao caderno em que anotara todo o curso de história da arte frequentado e que passou a levar consigo em suas viagens internacionais, testemunho inegável de docilidade com relação aos mecanismos de distribuição do valor cultural: “*Eu tinha a sequência porque eu não queria esquecer nada. Aí viajei de novo em seguida, aí já fui com o meu caderninho, já entendendo... toda vez tem que ter uma parte cultural*” (Entrevista, 29 de agosto, 2008).

Como sua posição em meio às elites paulistanas se baseia fundamentalmente na posse recente de capital econômico, ele e a própria possibilidade de ele desaparecer de um dia para o

14 Fonte inspiradora dos arranjos espaciais que se reproduzem por todo o país, Alphaville funciona como bairro estanke, que tem como motivação central a busca de segurança e de homogeneidade social. Enquadrados no conceito de cluster, seus condomínios residenciais têm na portaria o único meio de comunicação com a malha urbana à qual jamais serão integrados. Desse modo, ainda que, como o Jardim América, Alphaville tenha também se baseado nos conceitos das cidades-jardim, essa é uma diferença crucial em relação ao que vinha sendo feito até então nos espaços residenciais destinados às elites de São Paulo. Para um estudo das casas planejadas pelos moradores desse condomínio, ver Ferreira (2006).

15 Atribuímos nomes fictícios a todos os nossos informantes.

outro são evocados na entrevista, como se ela estivesse a tatear uma condição ainda não inteiramente assimilada. Devido a um *efeito de histerese do habitus*, que leva a aplicar a um novo estado de coisas categorias de percepção correspondentes a um momento anterior, ela parece temer voltar à condição de quem não tem propriedades passíveis de conferir estima social, e é por isso que atribui às viagens e às fotos-*souvenir* o estatuto de patrimônio inalienável ou, como ela mesma formula, algo que *“ninguém pode me tirar”*: *“Eu preciso guardar aquele momento porque diz-se que a viagem, os conhecimentos que você tem, que você vê, é a única coisa que ninguém nunca vai roubar, podem roubar o álbum fotográfico”*.

A baixa frequência a concertos e *shows* e o conhecimento restrito da música, de um modo geral, são narrados de forma envergonhada, o que atesta, uma vez mais, o reconhecimento do valor que se atribui às competências em matéria de cultura: *“É, a música é onde eu peço, em toda essa parte de arte eu acho que eu peço na música”*. A evocação de um dos espetáculos musicais frequentados deu a ver o quanto sua trajetória individual havia se desviado do trajeto seguido pelos demais membros de sua família: ao se referir ao *show* de Paul McCartney no Brasil, lembrou-se do irmão que *“ficou assim do lado de fora ... estava lotado, mas ele também não podia pagar porque era caro, pegou e botou o carro lá fora e ficou ouvindo”*. Ela possui ainda outros traços típicos da falta de antiguidade nas classes superiores, a exemplo da inspeção de si e dos outros, como revela a observação de que tem sempre vontade de corrigir os que cometem erros de português, apesar de ter cometido erros durante a entrevista.

Malgrado essas expressões de “boa vontade cultural” (Hoggart, 1970, p. 370), notamos a ausência da indiferença ética exigida pela disposição estética, isto é, falta a percepção “pura” da obra de arte que afirma o primado do modo de representação sobre o objeto representado (Bourdieu, 2008). Essa incapacidade de suspensão dos julgamentos morais na avaliação das obras culturais exprime-se em seu juízo do longa-metragem *Filadélfia*, que narra o progressivo processo de “proletarização do *status*” de um advogado homossexual vítima da AIDS: *“Eu assisti ao filme inteiro sem me emocionar. Todo mundo emocionado, porque o cara vai morrer. Só que eu falava assim ‘Mas ele procurou essa vida ... ele está colhendo o que ele [plantou], né?’”*.

A ausência de um juízo propriamente estético do filme, mais marcante, coincide com outras atitudes em matéria de cinema: preferência pelas salas de exibição da rede *Cinemark*, pelas grandes produções cinematográficas norte-americanas e pela seleção dos filmes em função da participação de atores conhecidos e, não, de diretores, como exige a disposição

“cinéfila”. Suas referências são sempre os atores e/ou os produtores, mesmo quando a pergunta é sobre os diretores (“*marido da Sofia Loren*”). A opção pelo cinema americano se justifica no fato de que os europeus seriam muito sérios, e as produções nacionais incorreriam no erro de mostrar apenas “*um Brasil*”: “*Eles não aprenderam ainda a mostrar um Brasil que... Nós temos dois Brasís, e eles só mostram a parte ruim, quer dizer, o povo de fora só conhece a gente por essa parte de violência, de pobreza*”¹⁶. A intolerância diante do que é vivido como uma “*agressão*” ao público “*direito*” dá-se a ver também em suas apreciações em matéria de teatro:

A gente foi assistir uma peça do Ney Latorraca, até então eu tinha uma admiração por ele, porque eu tinha assistido uma peça com ele e o Nanini, Irma Vap, que eu achei espetacular Então, quando teve esse do Latorraca, aí a gente foi logo, porque era aquele O médico e o monstro. Já é um clássico, né, o Ney Latorraca, vamos lá, né? Eu acho que o cara tinha bebido um pouco durante a peça porque eu acho que já é um desrespeito pela plateia.... Então na peça, quase no final, ele fez assim: “Agora vocês vão conhecer um outro lado do Ney Latorraca” Advinha o que ele fez? Viron para o público, de costas, e abaixou as calças Eu falei “eu vou levantar” O fato é que ninguém levantou.... Eu acho que [a reação do público] foi a mesma que a minha. A minha, na verdade, era levantar e ir embora Mas eu acho que todo mundo pensou na mesma coisa, porque não é possível.

O julgamento ético dos bens estéticos orientou também a compra de um dos poucos quadros que figuram nas paredes de uma das salas, motivada pelo fato de que o autor era um deficiente físico (“*Ele punha o pincel na boca e pintava, e eu me emocionei com isso daí e achei que, sabe, o cara tinha mérito*”). Suas preferências musicais também não escapam à incapacidade de suspensão de julgamento moral na avaliação das produções culturais: sobre a coleção dos Beatles, avalia que gosta “*de ver eles cantarem, entendendo o que eles estão falando, mas procuro não me influenciar pelo que eles falam porque é muito perigoso*”.

Apesar de situar a família no nível de renda “*mais de 80 salários-mínimos mensais*”, ela não investe na compra de obras de arte nem em assinaturas para temporadas de concerto, o que indica que a honorabilidade social talvez não se assente crucialmente na competência cultural, malgrado todos os testemunhos de reverência e docilidade em relação aos padrões tradicionais de legitimidade cultural.

16 Sobre o desgosto que as elites paulistanas nutrem pelo cinema nacional que tematiza a pobreza e a violência urbana, ver Pulici (2013).

Interiorização das normas de excelência corporal dominantes

A percepção do baixo valor atribuído a si (e aos seus) no universo de destino e o investimento em práticas estatutárias das elites figuram exemplarmente na trajetória de uma esposa de industrial residente numa casa de um quarteirão no Alto de Pinheiros. Marly é fundamentalmente a mulher de um bem-sucedido homem de negócios. Ela se preparou para isso a vida toda. Em migração de classe, demonstra seu senso das hierarquias sociais já no início da entrevista, ao não conseguir pronunciar o bairro em que vivia com seus pais, limitando-se a dizer que morava num *“bairro muito pobre”*¹⁷.

Essa senhora faz pensar no estudo de Bourdieu (2002) sobre a sua região natal do Béarn, no sudoeste francês, no qual ele observou que as mulheres aceitaram de forma menos traumática e mais bem-sucedida a crescente dominação do estilo de vida parisiense (e a dualidade dos quadros de referência que ela engendra), pois, contrariamente aos homens – e, sobretudo, os primogênitos – que tenderam a ficar perto da terra (que não vertia mais nada) e aprisionados a maneiras que, outrora positivamente reputadas viris, passaram à rusticidade desacreditada, as mulheres se mudavam para a capital, onde desempenhariam com êxito as tarefas inscritas nas profissões de representação e apresentação. Nesta pesquisa, em que se discute o desaparecimento progressivo das “técnicas do corpo” (Mauss, 1983) conciliadas com a civilização rural, as mulheres sofrem menos esse processo de desvalorização, por assumirem muito mais facilmente os ares externos de cidadinas, devido ao fato de que toda sua formação cultural as torna mais sensíveis aos gestos, às atitudes, às roupas, ao porte e aos juízos de gosto de modo geral. Além disso, a cidade representa para elas uma possibilidade de emancipação. A atração dos novos produtos e das técnicas de conforto – assim como dos ideais de cortesia e dos divertimentos citadinos – deve-se, em grande parte, ao fato de que aí se reconhece a marca da civilização urbana, que, por sua vez, é identificada com a própria civilização. A moda vem da cidade, o modelo se impõe “do alto” e, segundo o autor, as mulheres aspiram à vida cidadina também devido às esperanças que depositam no casamento e à lógica mesma das trocas matrimoniais, em que elas tendem historicamente a circular de “baixo para cima”.

17 Mais adiante na entrevista, quando alguma cumplicidade já havia sido estabelecida, perguntamos qual era afinal o bairro, e ela nos disse que era a Mooca, antigo bairro industrial da zona leste de São Paulo historicamente associado ao operariado estrangeiro e/ou de origem estrangeira (sobretudo italiana), e por muito tempo tido como a “porta de entrada” da periferia. O prestígio social do bairro originalmente popular e periférico cresceu no início do século XXI, quando foi objeto de um boom imobiliário e de práticas patrimonialistas.

No caso de Marly, tão logo seu pai, que havia sido pequeno comerciante, melhorou na vida – depois de ter se tornado representante de vendas de uma multinacional –, ela se matriculou na *Cultura Inglesa* e na *Aliança Francesa*. Como o trabalho paterno levava a família a Santos, ela rumou para os bairros privilegiados de São Paulo, instalando-se na casa de uma prima que vivia no Jardim Paulistano e era casada com um proprietário de um hospital em São Bernardo do Campo. Ao longo da entrevista, ela lembra, com gosto, de como aprendeu a preparar uma mesa primorosa com a parenta que recebia com requinte quase todas as noites, promovendo jantares ligados às atividades profissionais do marido. Quando moça, nossa entrevistada (que tinha diploma técnico de secretariado) matriculou-se no célebre *Lareira*, curso ministrado por senhoras da sociedade e dirigido à formação de exímias donas de casa (ou “curso das mulheres casadoiras”, segundo seus termos). Depois de casada com um homem que fez fortuna como industrial, ela jamais descuidou das muitas viagens pelo mundo, da elegância corporal e da sofisticação que cabe a uma boa anfitriã. Seu superinvestimento em símbolos de pertencimento à burguesia se deu a ver ainda no empenho para que os quatro filhos, que estudaram no *Madre Alix*, no *Des Oiseaux* e no *Palmares*, aprendessem a esquiar – durante dez anos a família toda esquiou anualmente – e fossem morar nos países cujas línguas estudaram (inglês, francês e alemão).

Mas a história de Marly mostra que a ascensão social é uma experiência solitária, que conduz à reprovação das disposições correntes no meio de origem, como resultado da interiorização das normas corporais vigentes nas classes dominantes: “*Eu tenho uma irmã que continuou em Santos [...] Ela é totalmente diferente de mim. Por exemplo, ela não liga para talher, ela não tem o mínimo gosto para arrumar casa, então ela põe arquiteto que faz o que quer lá*”. Sua obediência às normas de saber viver da classe a que deseja pertencer é, a um só tempo, estigmatização dos outros modos de existir; daí a reprovação da irmã que se abandonaria às satisfações imediatas do consumo alimentar, ao invés de se impor a autocensura dos dominantes (que sabem se dominar), aceitando as satisfações diferidas que são prometidas aos sacrifícios presentes:

E fico muito brava com a minha irmã que engorda, ela fica gorda, fica com aquele braço Por exemplo, a gente estava em Nova Iorque, sai do teatro 'Ai [dando a entender que a irmã propõe de irem comer]...'. 'Restaurante agora eu não vou jantar'. Então ela pega, vai para o hotel, ela come um pote assim de sorvete e eu tomo um chá. Porque eu já aprendi que eu não vou tomar sorvete para ficar gorda que nem ela e aí eu não aprendi a gostar de sorvete, entendeu?¹⁸.

Essa senhora, cuja residência atesta bem o quanto ela soube adquirir um capital cultural, por assim dizer, “mundano”, não se voltou com o mesmo fervor ao aprimoramento de sua disposição estética propriamente dita. Prefere, em geral, os filmes americanos, o teatro de comédia e os espetáculos da *Broadway*. Os quatro filhos foram repetidas vezes enviados ao complexo *Walt Disney World*, e o cinema nacional que ela se dispõe a conhecer não é aquele que trata da violência e dos pobres, evocado anteriormente, mas a comédia romântica encenada por Tony Ramos e Glória Pires, o maior sucesso de bilheteria em 2009 (Arantes, 2009, p. A1). Ela, que comprou obras de arte pelo mundo, não gosta da pintura abstrata nem da surrealista, como também não entende a arte contemporânea das bienais. Admiradora de Gauguin e Renoir, ela admite que seu apetite de cultura ainda não a impulsionou à ida a um concerto. Vemos, pois, por mais esse caso, que os informantes que começaram a se cultivar tardiamente e em decorrência de uma ascensão econômica recente tendem a integrar, na verdade, o público apreciador da chamada “cultura média”, no sentido de variante vulgarizada da cultura erudita, malgrado todas as declarações de “boa vontade cultural”.

Levando-se em conta a posição dos cônjuges nas relações de força doméstica, sabe-se que, contrariamente a Marly, seu marido pertence, do lado materno, às famílias antigas de São Paulo, e o seu sócio na fábrica advém de famílias quatrocentonas. Justamente por contrariar a regra da endogamia conjugal – no sentido de que seu marido “casou para baixo”, apesar de ela ter casado “para cima” –, seu casamento permite ver o modo como se dão as trocas entre membros de dois grupos socialmente distintos. A esse respeito, nas lutas simbólicas em que o pretexto é a imposição de um estilo de vida legítimo, os móveis de uma casa apareceram como indicador de antiguidade na classe alta, uma vez que os informantes dela originários sempre se referem à herança de parte do mobiliário. Dando, às vezes, sequência a uma coleção que remete ao passado, os herdeiros de móveis antigos tornam-se frequentadores de antiquários no Brasil e no mundo. Já os entrevistados oriundos das classes médias e/ou populares (como é o caso de Marly) não compõem suas casas com peças e móveis pertencentes à família de

18 Entrevista realizada em 26 de março de 2009. Para uma análise de como a alimentação parcimoniosa (e investida de certa solenidade) reivindicada pelas elites de São Paulo tem como contrapartida a depreciação daqueles que não se adequam às novas normas de excelência corporal, ver Pulici (2012b).

origem, o que significa que nesses estratos a posse de capital cultural em seu estado objetivado começa na geração deles e, precisamente, com eles. Se, por um lado, os recém-chegados às altas posições têm a percepção de que entraram em uma corrida na qual eles já estavam atrasados (“*Minha mãe já não tinha [móveis], minha sogra teve, tinha uns móveis muito bonitos*”), por outro, a experiência anterior, de privação, não exclui manifestações de ressentimento travestidas de atribuição de mau gosto:

Pesquisador – *A senhora vê muita coisa de mau gosto por aí?*

Informante – *Ah, nossa! Muita. Muita. Muita. Muita coisa de mau gosto. Eu tenho um, um sócio do meu marido Eles são de família muito tradicional, muito rica, e de barões de I., e de barões, porque eles receberam uma herança ...assim de pratarias, muito.... Eu fui adquirindo as minhas coisas; como eu te falei, eu não recebi nada Tudo o que eu tenho eu fui comprando. Eles não, eles foram herdando do barão do café, barão de I., não sei o quê, tal, tal. Então, o que é mau gosto? É você chegar numa sala e porque você tem aquelas peças, você colocar tudo lá.*

Mas, embora tais disposições estéticas, por assim dizer, antiaristocráticas façam pensar que ela não subscreve as hierarquias e as legitimidades culturais, a escolha de um esporte como o esqui – cujos benefícios honoríficos são, ao menos no Brasil, no mínimo tão importantes quanto suas recompensas físicas – simboliza sua ascensão social e testemunha seu compromisso com práticas classificadas e classificadoras, hierarquizadas e hierarquizantes, em suma, automaticamente associadas às classes altas.

Rejeição eletiva ou revolta submissa?

De modo geral, todos os casos discutidos até o momento remetem mais intensamente à primeira postura evocada no início, qual seja, a que converte a experiência de vergonha cultural inerente a uma origem social desvalorizada em aceitação das hierarquias simbólicas tradicionais, seja na forma de reconhecimento de sua indignidade cultural, seja como manifestação de docilidade aos princípios aristocráticos de distribuição da deferência social.

A segunda postura não esteve, no entanto, inteiramente ausente de nossa coleção de casos, uma vez que a afirmação ostensiva da diferença por parte dos originários de grupos socialmente dominados exprimiu-se, como sugerido *en passant* até aqui, nas representações que condenaram, com diferentes intensidades, a atitude de fazer do bom gosto um parâmetro de

atribuição de valor social; e também nas que visavam recusar a hierarquia dos valores culturais e assim buscar a oportunidade de uma desforra contra a cultura “legítima”.

Exemplar a esse respeito é o caso de uma consulesa de um país europeu e jornalista da imprensa oficial. Consciente de sua inferioridade sociocultural originária, ela se revolta contra as censuras a que estão expostos os destituídos em matéria de cultura e se ressentente diante de uma entrevista que a expõe inevitavelmente a uma forma de exame cultural. Ocorre que, malgrado as críticas aos mecanismos de distribuição de prestígio assentados na competência estética, sua contrariedade exprime um ressentimento relativo aos jogos de cultura dos quais ela não pode se apropriar completamente, nem, tampouco, recusar ou ignorar completamente.

Quando se tem em vista a estrutura patrimonial de Luíza, podemos dizer que ela vem de uma família de capital cultural levemente superior ao dos pais das duas mulheres cujas trajetórias acabam de ser discutidas. Tendo sido educada em colégio interno de freiras francesas, sua mãe era diretora de escola rural e se empenhou para que a filha lesse muito e aprendesse a falar inglês.

Apesar da “boa vontade cultural” materna, não se pode desconsiderar que Luíza nasceu “na roça”, como disse, tendo sido a primeira pessoa da família a ir à Universidade. Ciente de que a antiguidade na classe é um princípio de hierarquização no seio da própria classe, ela afirma de saída não ter nascido “em berço de ouro”, justificando assim as diferenças culturais em relação ao seu marido: tendo se casado “para cima” com um cônsul, empresário do setor exportador e juiz de direito (formado na Alemanha) de uma família da alta burguesia da Europa Central (“O pai dele era jornalista e o jornal na [país da Europa Central], ele era dono do jornal como aqui o Estadão”), ela se refere ao *décalage* entre o seu mundo de origem e o de seu marido, descrevendo um processo de aquisição tardia de cultura e de progressiva incorporação de disposições historicamente associadas ao “mundo de cima”:

Aliás, o meu marido ele tem uma cultura musical que eu não chego nem perto [...] porque ele nasceu toda semana indo no concerto Ele tem uma cultura musical que eu vim pegar depois de moça Imagina eu que nasci na roça, em Minas Gerais, se eu tinha alguma música clássica? ... E ele não, ele já nasceu... Quando era folga o que é que eles tinham que fazer? Toda sexta-feira para o concerto. (Entrevista realizada em 31 de março de 2009)

O fato de não ter tido o gosto apurado pela via familiar talvez tenha contribuído para exacerbar sua crítica aparentemente insubmissa à hierarquia dos valores culturais. Ela garante que não se incomoda com aqueles que cometem erros de português, “porque a pessoa falando ela

está simplesmente mostrando o background dela. A comunidade que ela vive, como é". Ostentando igual rancor em relação aos símbolos da sagacidade mundana, ela se irrita com a questão referente ao estilo do mobiliário de sua residência: *"Eu não me preocupo muito quando eu vou escolher se é isso ou aquilo, ou assado, cozido ou frito ...; eu gosto daquilo, eu quero aquilo"*. Resistente à gratuidade inerente aos exercícios de estilo, disse ter respondido à altura a uma especialista no assunto que reprovou a confusão estilística reinante em sua sala quando em visita à sua residência. Na mesma linha de juízo, fez questão de afirmar que uma refeição da alta gastronomia, que se pretende tão inimiga dos glutões, *"às vezes ela se torna muito mais do que o prato"* e, em tom populista, julgou que não são apenas os grandes restaurantes prezados pelas elites os responsáveis por fazer de São Paulo um dos polos da gastronomia mundial, mas também os estabelecimentos populares e a própria feira de rua, a começar pelo pastel. Essa sua contestação dos valores culturais tradicionais parece dirigir-se especialmente aos que nutrem pretensões culturais:

A coisa que eu mais detesto na vida é uma coisa chamada Macunaíma. Porque "o herói, o herói, o anti-herói...". Você pode falar para mim toda argumentação que você quiser. Eu detesto Macunaíma. E te digo mais: muitas pessoas que leram, que isso, que aquilo ... que escrevem ensaios e isso e aquilo sobre o Macunaíma na verdade detestam o Macunaíma.

Se essa despreensão cultural pode fazer pensar que ela não subscreve as hierarquias simbólicas, o tom raivoso das falas sobre as práticas e os objetos distintivos testemunha inevitavelmente uma tentativa fracassada de aquisição das disposições legítimas e, pois, o reconhecimento da ordem na qual buscou, em vão, algum benefício.

O pequeno número de casos trabalhados (sete) não autoriza afirmações definitivas sobre as razões dessas diferentes modalidades de aceitação da "cultura do bom gosto", para usar a expressão de Norbert Elias (2005). Uma hipótese final pode, no entanto, ser aventada, ao menos no que tange aos dois casos em que a contestação dessas hierarquias simbólicas foi mais evidente, quais sejam, o do engenheiro civil formado no Colégio *Bandeirantes* e na Escola Politécnica da *USP* e, principalmente, o da consulesa e jornalista da imprensa oficial, formada em jornalismo na *UFMG* e em letras na *PUC* e que, no momento da entrevista, terminava uma tese de doutorado em jornalismo cultural nessa mesma instituição. Se, como já demonstrou a sociologia do gosto clássica (Bourdieu, 1979), são os mais desguarnecidos culturalmente os que mais frequentemente admitem com docilidade as opiniões consideradas "legítimas", podemos supor que, nessa mesma linha de juízo, são os informantes mais

escolarizados, os detentores dos mais altos e prestigiados diplomas e os que mais se envolvem com práticas culturais reputadas “legítimas” os que mais questionam os princípios de hierarquização baseados no refinamento cultural, mesmo que tal contestação não deixe de assumir, no final das contas, o caráter de uma “revolta submissa”.

Considerações finais

De modo geral, portanto, a discussão de algumas modalidades de desclassificação inerentes à experiência da promoção social apontou para o desaparecimento progressivo dos usos corporais conciliados com os códigos culturais predominantes nas classes populares. A renúncia da concepção popular em matéria de estilo de vida exprimiu-se tanto na busca de aquisição da cultura “legítima” quanto na obediência às técnicas da sociabilidade mundana vigentes nas classes superiores. As modalidades de ajustamento a uma nova classe aqui descritas sugerem que as experiências de vergonha cultural inerentes a uma origem social desvalorizada tendem a fazer com que os portadores do percurso ascensional evitem as práticas que evocam mais imediatamente as classes populares, o mesmo não ocorrendo com as atitudes que remetem às classes altas. Reverenciando alguns símbolos dos grupos mais estabelecidos nas elites, os recém-chegados acionam alguns dos princípios de visão e divisão através dos quais foram negativamente apreciados e julgados anteriormente. Reproduzindo as censuras sociais que favorecem os que aprenderam as regras do estilo de vida legítimo no seio da família, eles acabam sendo cúmplices da dominação simbólica de que foram vítimas, ao aceitar critérios de hierarquização que já lhes foram desabonadores.

E, se tais representações subjetivas da posição social objetivamente ocupada vieram à tona sem que as perguntas da entrevista estivessem voltadas ao tema da experiência da ascensão social, podemos lançar a hipótese de que, neste momento em que as revistas de informação econômica anunciam o significativo crescimento da classe alta brasileira (Martins & Vieira, 2011), uma pesquisa exclusivamente dedicada às representações e atitudes culturais dos que empreenderam um percurso de mobilidade social ascendente nos permitiria investigar a representatividade das duas posturas mais frequentes entre os indivíduos que realizam

trajetórias promocionais – isto é, a de apego aos valores do “mundo de partida”¹⁹ e a de adesão incondicional às normas do “mundo de chegada”. No âmbito da diminuta coleção de casos que pudemos reunir evidenciou-se, como discutido acima, que nossos informantes vivenciam seus comportamentos passados como inferiores e, a um só tempo, superestimam o estilo de vida das classes altas. Diferentemente dos que exprimem a fidelidade aos esquemas de percepção e ação vigentes no meio social de origem, as modalidades de ajustamento a uma nova classe social aqui descritas apontam antes para o reconhecimento das hierarquias socioculturais e, assim, para um “[...] *légitimisme marqué par une acculturation à l’ethnocentrisme des classes supérieures*” (Naudet, 2012, p. 26).

19 Tal como sugere a matéria de revista “Qu’elle est belle ma banlieue!” (Medina, 2013, p. 45), que discute o caso de brasileiros recém-enriquecidos que continuaram a morar nos seus bairros de origem.

Referências Bibliográficas

- Baxandall, M. (1991). *Olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da renascença* (M. C. P. R. Almeida, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1972).
- Bertoncelo, E. R. (2010). *Classes sociais e estilos de vida na sociedade brasileira*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário* (M. L. Machado, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1992).
- Bourdieu, P. (2002). *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (2005). *Esboço de auto-análise* (S. Miceli, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 2004).
- Bourdieu, P. (2008). *A distinção: crítica social do julgamento* (D. Kern, & G. J. F. Teixeira, trad.). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk. (Obra original publicada em 1979).
- Elias, N. (2005). *A peregrinação de Watteau à ilha do amor* (A. C. Santos, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 2000).
- Elias, N., & Scotson, J. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1993).
- Fabiani, J. L. (2003). Peut-on encore parler de légitimité culturelle ? In O. Donnat, & P. Tolila, *Le (s) public (s) de la culture*. Paris: Presses de Sciences Po.
- Ferreira, C. C. S. (2006). *A casa dos sonhos: necessidades, aspirações, símbolos. Uma avaliação de residências unifamiliares idealizadas, planejadas e empreendidas pelos próprios usuários, em Alphaville, Região Metropolitana de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Ferreira, M. C. (2001). Permeável, *ma non troppo?* A mobilidade social em setores de elite, Brasil – 1996. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), 141-160.
- Gaulejac, V. de. (1987). *La névrose de classe: trajectoire sociale et conflits d'identité*. Paris: Hommes & groupes éditeurs.

- Goffman, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi* (A. Accardo, trad.). Paris: Minuit. (Obra original publicada em 1959).
- Hoggart, R. (1970). *La culture du pauvre: étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre* (F. Garcias, J. C. Garcias, & J. C. Passeron, trads.). Paris: Minuit. (Obra original publicada em 1957).
- Kant, I. (2008). *Crítica da faculdade do juízo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1790).
- Lima, D. N. O. (2007). Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(65), 73-83.
- Marins, P. C. G. (1998). Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In N. Sevcenko, & F. A. Novais (Orgs.), *História da vida privada no Brasil. V. 3 (Da Belle époque à era do rádio)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mauger, G. (2004). Annie Ernaux, ethnologue organique de la migration de classe. In F. Thumeral (Org.), *Annie Ernaux, une œuvre entre deux*. Arras: Artois Presses Université.
- Mauger, G., Poliak, C., & Pudal, B. (1999). *Histoire de lecteurs*. Paris: Nathan.
- Mauss, M. (1983). *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.
- Medeiros, M. (2005). *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira*. São Paulo: Hucitec; Anpocs.
- Naudet, J. (2012). *Entrer dans l'élite: parcours de réussite en France, aux États-Unis et en Inde*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Paula, Z. C. (2008). *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)*. São Paulo: Editora Unesp.
- Pulici, C. M. (2010). *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Pulici, C. (2012a). Le sens de la dignité sociale et autres spécificités d'un habitus dominant. *Brésil(s). Sciences humaines et sociales*, 2, 153-180.
- Pulici, C. (2012b). Le solennel et le parcimonieux dans l'alimentation. Les pratiques gastronomiques comme source de distinction des élites brésiliennes. *IdeAs*, 3. Retirado em 30 de julho de 2013, de: <http://ideas.revues.org/441>

- Pulici, C. (2013). Le goût dominant comme goût traditionnel: préférences et aversions esthétiques des élites de São Paulo. In P. Coulangeon, & J. Duval (Orgs.), *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris: La Découverte.
- Schultheis, F. (2012). Annie Ernaux-Pierre Bourdieu : les affinités électives entre deux formes d'auto-analyse engagée. In T. Hunkele, & M. H. Soulet (Orgs.), *Annie Ernaux: se mettre en gage pour dire le monde*. Genebra: Métis Presses.
- Shoshana, A. (2010). First nature, second nature and conflict between divergent habitus: class, ethnicity and upward mobility in Israel. In *Colóquio Trinta ans après La Distinction*. Paris: Ministério da Cultura, Sciences Po/CNRS; Paris1/EHESS-CNRS.
- Wacquant, L. (2006). Seguindo Pierre Bourdieu no campo (H. Pinto, J. M. Pinto, & V. B. Pereira, trads.). *Revista de Sociologia e Política*, 26, 13-29. (Obra original publicada em 2004).
- Weber, M. (1999). A distribuição do poder dentro da comunidade: classes, estamentos e partidos. In M. Weber, *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (2o vol.). Brasília: Editora da UNB; São Paulo: Imprensa oficial. (Obra original publicada em 1922).
- Wolff, S. F. S. (2001). *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado.

Críticas culturais

- Arantes, S. (2009, março 4). Bateu! *Folha de São Paulo*, Ilustrada, p. E1.
- Martins, R., & Vieira, W. (2011). Privilegiados. E incógnitos: a classe alta cresceu 54% em oito anos, mas é pouco conhecida. E o país não sabe interpretá-la. *Carta Capital*, XVII, 662, 28-32.
- Medina, A. (2013, juin/juillet/août). Qu'elle est belle ma banlieue! *Courrier international*, Hors-série, p. 45.

Submetido à avaliação em 3 de agosto de 2015; aprovado para publicação em 1 de dezembro de 2015.